

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU  
INSTITUTO DE FILOSOFIA – IFILO  
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA JUNIOR**

**O prisma dualista da consciência  
E a intencionalidade como característica do mental**

**Uberlândia, Minas Gerais  
2022**

**RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA JUNIOR**

**O PRISMA DUALISTA DA CONSCIÊNCIA**  
**E a intencionalidade como característica do mental**

Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel e Licenciatura em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia da Mente

Orientador: Leonardo Ferreira Almada

**Uberlândia, Minas Gerais**  
**2022**

Silva Junior, Raimundo Pereira da.

O prisma dualista da consciência e a intencionalidade como característica do mental. / Raimundo Pereira da Silva Junior. Uberlândia, Minas Gerais: UFU, 25 de março de 2022.

44 f.: 29,7 cm.

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Leonardo Ferreira Almada

1. Filosofia das Neurociências. 2. Filosofia da Mente. 3. Filosofia Contemporânea

RAIMUNDO PEREIRA DA SILVA JUNIOR

**O PRISMA DUALISTA DA CONSCIÊNCIA**

**E a intencionalidade como característica do mental**

Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (IFILO/UFU), como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Bacharel e Licenciatura em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia da Mente

Orientador: Leonardo Ferreira Almada

Uberlândia, 25 de março de 2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Leonardo Ferreira Almada - IFILO-UFU, POSFIL-UFU, Presidente

---

Me. Fabiense Pereira Romão – Mestre e doutorando em filosofia pelo POSFIL-UFU

---

Dr. César Fernando Meurer - Universidade Federal do ABC, UFABC,

Dedico essa vitória a minha esposa Rosimelry, sempre forte e atuante. Sem a qual não teria conseguido este feito. Você é para mim uma benção, não poderia estar mais feliz em poder dividir tudo que estou sentindo com você. Te amo.

## AGRADECIMENTOS

A minha esposa por nos incentivar e ajudar dedicando seu tempo a tarefas nossas, concedendo mais tempo para que avançássemos nos estudos.

A minha família, pais e irmãos que também de um modo ou de outro nos ajudaram subir esse degrau.

Aos meus colegas de trabalho Pedro Paulo e Marco Aurélio, que ao longo deste ano souberam de nossa empreitada e desde então nos incentivaram a permanecer focado.

Aos professores por sua dedicação, qualidade e excelência no ensino a nós alunos dedicados.

Em especial ao meu professor e orientador Dr. Leonardo, pela paciência, eficiência e amizade. Este sempre manifestou palavras de incentivo, mesmo quando desanimei nessa jornada.

Aos arguidores Fabiense Pereira Romão e César Fernando Meurer, que gentilmente aceitaram nosso convite para participarem desta banca examinadora.

Ao querido professor Dr. Rafael Cordeiro, que no início de nossa jornada na UFU, gentilmente nos convidou a assistir suas aulas como ouvinte quando ainda estávamos em processo de transferência.

A toda população, que contribui diretamente com seus impostos, sem os quais não poderíamos usufruir do ensino superior de forma gratuita.

Enfim, a todos que de alguma forma, seja incentivando, seja aconselhando, contribuíram para que hoje pudéssemos concluir este curso.

A todos meu fraterno abraço e agradecimento.

Tomei a decisão de fingir que todas as coisas que até então haviam entrado na minha mente não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos.

René Descartes

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a questão da consciência na visão dualista. Neste sentido, serão apresentados em linhas gerais o problema mente-corpo especificando o problema da consciência tendo como característica a intencionalidade. O texto ora apresentado tem três direções a saber: i) a Consciência inspirada na formulação de Robert Van Gulick (2012), ii) a característica da intencionalidade como parte do mental e iii) a visão Dualista, nesta buscamos apresentar algumas teorias e problemas, além de apresentar mais detidamente o dualismo de substancias cartesiano. Buscamos desenvolvemos o conceito cartesiano de consciência, mostrado nas meditações, além de apresentar o entendimento de nomes conceituados como Antônio Damásio e John Searle que são referências no estudo do problema mente-corpo. Também será abordada como o dualismo contribuiu para o entendimento da consciência. Nessa pesquisa, embora se aborde o problema da consciência, não é intuito abordar o problema da identidade pessoal, uma vez que, para o dualismo ela é a própria consciência de si. Ademais, este trabalho não tem a intenção de esgotar o problema da consciência, mas sim, entender como o dualismo sustenta seu entendimento de que a mente e o corpo são substâncias distintas entre si apenas se correlacionando.

**Palavras-chaves:** consciência, dualismo, mente-corpo, intencionalidade, substância.

## ABSTRACT

This work aims to address the issue of consciousness in the dualistic view. In this sense, the mind-body problem will be presented in general lines, specifying the problem of having intentionality as a characteristic. The text or presented in this search seeks the awareness to know: i) the characteristic of intentionality starts from the mental and iii012), how the characteristic of intentionality starts from the mental and iii012), how to present some theories and problems, in addition to presenting in more detail the Cartesian substance dualism. We seek to develop the Cartesian concept of consciousness, we will show in the meditations the understanding of renowned names such as Antônio Damásio Além and John Searle who are references in the study of the mind-body problem. It will also be addressed as informed dualism for the understanding of consciousness. In this one, although the problem of consciousness research is addressed, it is not objective to address the problem of personal identity, since, for dualism, it is self-consciousness itself. Furthermore, this is not intended to exhaust the problem of consciousness, but rather to understand how dualism supports its understanding that mind and body are distinct substances from each other only by correlating.

**Key-words:** consciousness, dualism, mind-body, intentionality, substance.

# SUMÁRIO

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA	14
INTENCIONALIDADE COMO CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA	22
3.1 INTENCIONALIDADE E CONSCIÊNCIA EM FRANZ BRENTANO	23
3.2 A REFORMULAÇÃO DE HUSSERL SOBRE A INTENCIONALIDADE	26
3.3 A PROPOSTA DE JOHN SEARLE PARA O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA E INTENCIONALIDADE	28
O PRISMA DUALISTA DA CONSCIÊNCIA	32
4.1 DUALISMO CLÁSSICO PLATÔNICO.	33
4.2 DUALISMO DE SUBSTÂNCIAS	35
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS	43

## INTRODUÇÃO

A consciência é um dos temas estudados pela filosofia da mente e chama atenção de vários filósofos, estudiosos de outras áreas do conhecimento como a psicologia, a neurociência, ciências cognitivas, além de outras. Isso porque é a consciência que nos dá o sentido de ser e situa o indivíduo no mundo. É através dela que percebemos, formulamos e interagimos com o mundo à nossa volta.

Objetos naturais como pedra não possuem consciência de si, não se relacionam, não desejam, não percebem, não intencionam, eles apenas são. Uma pedra não pensa ser uma pedra, ou porque ela é uma pedra, ela apenas é. Perceberemos que a consciência apresenta níveis e graus diferentes se compararmos diferentes criaturas e o homem que, tomando consciência de si se relaciona com seus iguais e com o mundo. O ser humano ao contrário do animal irracional é capaz de interpretar as diversas sensações, como frio, calor, doce, salgado, e também, a partir da formulação dos diversos processos mentais que constituem a consciência que se podem intencionar decisões quando mesmo que sem perceber o ser humano está julgando situações.

Nesse sentido entende-se que animais - em certa medida – por não desenvolverem uma consciência intencional interpretativa capaz de perceber sua própria escolha têm um nível de consciência, ou seja, uma consciência universal quer seja engendrada quer seja adquirida por meio da evolução natural. Sendo a espécie humana, capaz de apresentar um grau maior de consciência destacando-se na escala evolutiva animal.

O intuito deste trabalho é apresentar ainda que de maneira preliminar o problema mente-corpo, na visão dualista, sobretudo no que se refere à consciência e uma de suas características mais fundamentais, a saber: a intencionalidade.

Para tanto, no primeiro capítulo, será abordado o problema geral da consciência a partir da linha traçada por Van Gulick em seu verbete sobre o referido tema. Nesta mesma linha será apresentado também o conceito de consciência para o médico neurocientista Dr. Antônio R. Damásio que em suas pesquisas aponta a consciência como um processo emergente do mental, e que este, se relaciona ou é influenciado pelas sensações externas.

Ainda nesse sentido, será abordado o conceito de consciência para o filósofo John Searle partindo de sua obra *A redescoberta da mente*. Em que o autor define a consciência como um fenômeno neurofisiológico evolutivo, independente e irreduzível a outros elementos.

Abordados os conceitos básicos do que é a consciência no capítulo 1, passamos ao capítulo 2 onde será tratado o problema da intencionalidade, primeiramente por Franz Brentano, em seguida por Husserl e John Searle, além de outros. Isso porque a intencionalidade tem sido tratada quase que conjuntamente, sinonimamente e provavelmente é se não muito, uma característica do mental, não podendo ser ignorada nas discussões do problema mente-corpo. Brentano propõe que a intencionalidade e a autoconsciência são responsáveis pela formação psíquica do ser humano, para ele, a consciência de quaisquer coisas se dá pela intencionalidade. Husserl por sua vez, discordou de Brentano e afirmou que a intencionalidade se refere a fenômenos que devem ser analisados como nos são dados e sendo subjetivo a vivência da consciência. Após esta abordagem de Brentano e Husserl, será apresentado o entendimento de John Searle que sustenta ser a intencionalidade uma propriedade do mental que é direcionada para, ou se referem a algo exterior.

Compreender essas abordagens sobre o problema da intencionalidade norteará esse trabalho para que se possa entender o que será abordado no capítulo 3 que tratará como o dualismo entende ser a consciência bem os argumentos que defendem suas bases e sua contribuição para o entendimento do problema mente-corpo em que está inserida.



## O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA

Perguntas sobre a natureza da consciência do tipo se é material ou imaterial, se faz parte do corpo ou se é independente do corpo, e sua relação com o corpo físico é, podemos dizer o motor pulsante que norteia quase que a totalidade dos estudos e experiências produzidas no campo da filosofia da mente e das chamadas ciências cognitivas como neurociências, linguística, psicologia, inteligência artificial e de qualquer outra área que se aventure neste misterioso e atraente campo de investigação humana. Esse interesse pelo mapeamento da consciência, seu surgimento, sua possível evolução biológica ou mesmo a ideia de uma existência independente, ao mesmo tempo em que nos deixa cada vez mais entusiasmados, também nos deixa intrigados; pois quanto mais avançamos nos estudos já existentes sobre o assunto percebemos que se trata de um campo da filosofia que é já deste de muito explorado e também um campo muito recente, quando falamos em relação à filosofia da mente.

O conceito do termo ‘consciência’ como usamos hoje no período contemporâneo e sobretudo na recente filosofia da mente, não é a mesma coisa que os termos ‘psique’ e ‘alma’ ambos usados no período antigo e medieval.

O termo consciência por si só é muito problemático de difícil conceituação, demandando muito esforço. Uma concepção comum do termo nos leva ao entendimento de que é uma capacidade própria subjetiva de perceber e responder a estímulos internos e externos. No entanto o conceito filosófico é muito mais abrangente e complexo e precisaremos discutir inicialmente o problema do conceito e do método. E por ser muito ampla a discussão aproveitamos o momento para explicar o porquê do foco no viés moderno-contemporâneo do termo, além de focarmos no conceito ocidental advindo da tradição grega. Na tradição filosófica grega há ainda, clara diferença no entendimento antigo em relação ao moderno sendo este objeto de nosso estudo. O termo consciência não era usado no período homérico ou mesmo platônico-aristotélico. Para os antigos o termo ‘psique’ seria o mais próximo do significado de consciência como entendemos hoje; há também o termo alma muito usado no período medieval e por Descartes para se referir a psique humana e usado ainda hoje por muitos dualistas do seguimento religioso. Com essa aproximação não estamos dizendo que se trata da mesma coisa, não são sinônimos, pois, como veremos brevemente o enfoque era outro no período antigo, diferentemente de como tratamos o termo consciência na

contemporaneidade. Ainda, o enfoque, o método no período antigo e mesmo medieval se distanciava do entendido hoje, Descartes concebeu o corpo em separado da alma como uma máquina independente e está sujeito às leis do universo, mas não desconsidera a interação entre corpo e alma, (Abagnano, 1982, p.187).

[...] segundo estudos realizados por Thomas Robson os gregos antigos acreditavam na existência da Psique após a morte do corpo, mais tarde por volta do século VI, passou-se a crer no domínio da psique sobre o corpo, sendo esta a responsável por animá-lo, ganhando posição preferencial, mais notoriedade deste período em diante, (Robson, 1998, p. 335-336).

Assim, segundo Platão, o que constitui aquilo que chamamos de C. (no sentido de conhecimento dos nossos estados) nada mais é que lembrança, opinião e raciocínio, isto é, o conjunto das atividades cognitivas em geral [...] "A alma só, por si" é contraposta à alma que sofre as impressões sensíveis e depende delas. [...] Aristóteles: Por um lado, ele atribui a C, como o estar ciente das próprias percepções sensíveis, aos sentidos, de tal modo que, por ex., sentir que se vê pertence ao sentido da visão, assim como sentir que se ouve, ao sentido da audição. Não é possível que o estar cômico de ver pertença a outro sentido que não o da visão, já que, nesse caso, haveria uma série infinita de órgãos sensíveis: o sentir que se sente que se sente... que se vê (DEAN., III, 2, 425 b 12). Por outro lado, a noção de "pensamento do pensamento", com que ele define a vida de Deus, nada tem a ver com a interioridade da consciência: exprime somente a exigência de que o pensamento, que, para o homem, pode ter como objeto até as piores coisas, em Deus só tenha por objeto o que há de mais excelente, isto é, o próprio pensamento (Mel, XII, 9, 1074 b 30 e ss.), (Abagnano; Nicola, Dicionário de Filosofia; São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 187-189).

A filosofia da mente na contemporaneidade está para além da metodologia e experimentos da ciência moderna e impõe uma dificuldade em sua observação objetiva, (Batali, 1995, p.190), e, como a consciência não está submetida a essa metodologia científica, a filosofia da mente se propõe a responder uma questão que é crucial para o entendimento da consciência, a saber: entender como os processos neurocerebrais causam a consciência. Em outras palavras, processos que se apresentam de maneira física, e ao mesmo tempo tem características qualitativas e subjetivas.

Isso se reflete nas palavras de Damásio quando afirma:

As propriedades da mente, sem falar nas da mente consciente, parecem ser tão radicalmente diferentes das propriedades da matéria viva visível que as pessoas dadas à reflexão se perguntam como é que um processo (a mente consciente em funcionamento) engrena com outro processo (células físicas vivendo juntas em agregados que chamamos tecidos, (Damásio, 2011, p.18).

Quando teria surgido a consciência é uma questão discutida por diversos pesquisadores como bem levantados pelo comentador do verbete, a consciência pode ter surgido quando o homem começou a ter algum grau de “pensamento reflexivo”, numa referência a uma pesquisa de arqueólogos, também, Van Gulick (2012) citando Julian Janis diz que a consciência como conhecemos hoje “como uma fonte interna de verdade” é recente, data entre séculos XVII e XIX já na modernidade, definindo a consciência com a atribuição de “definidora do mental”. A esse respeito Janis (2003) em seu livro “The origin of consciousness in the break down of the bicameral mind 1974”, (A origem da consciência na desconstrução da mente bicameral) sugere que a consciência é processo evolutivo biológico histórico constante e que antes do período homérico o homem bicameral experienciou alucinações, ouvindo vozes, como nos casos de esquizofrenia que temos hoje.

Todas as teorias que mencionei até agora começam no pressuposto de que a consciência evoluiu biologicamente pela simples seleção natural (Jeynes 1974, p. 8, tradução nossa).

A consciência surge como algo genuinamente novo em um estágio crítico do avanço evolutivo. Quando emergiu, orientou o curso dos eventos no cérebro tendo eficácia causal no comportamento corporal. (Jeynes 1974, p. 12, tradução nossa).

... assim como pode acontecer hoje na esquizofrenia ou sob efeito de certas drogas. Homens bicamerais não imaginavam; eles experimentaram<sup>1</sup>, (Jeynes, 1974, p. 371, tradução nossa).

No texto “Consciência” do autor Robert Van Gulick<sup>2</sup> (2012), encontramos diversas menções sobre o assunto, neste verbete o comentador nos apresenta uma ampla discussão por

---

<sup>1</sup> All the theories I have so far mentioned begin in the assumption that consciousness evolved biologically by simple natural selection. This book is a thoroughgoing scheme of emergent evolution vigorously carried all the way back into the physical realm. ...Consciousness, then, emerges as something genuinely new at a critical stage of evolutionary advance. When it has emerged, it guides the course of events in the brain and has causal efficacy in bodily behavior. Let it be stressed parenthetically here that the Muses were not figments of anyone’s imagination. I would ask the reader to peruse the first pages of Hesiod’s Theogony and realize that all of it was probably seen and heard in hallucination, just as can happen today in schizophrenia or under certain drugs. Bicameral men did not imagine; they experienced, (Jeynes 1974, p. 12).

<sup>2</sup> Robert Van Gulick trabalha em filosofia da mente e em filosofia da psicologia. Seu trabalho recente concentra-se em problemas de consciência, também aborda tópicos relacionados a partir de uma visão geral da

diversos autores, além de uma boa indicação técnica para melhores resultados nos estudos deste tema em questão, tornando-se um vasto material coletado indispensável para um adequado e sólido conhecimento acerca da consciência. Sendo o assunto muito amplo, usaremos como base este material como norteador de nossa explanação.

Segundo o verbete houve uma espécie de ressurgimento mais incisivo nas discussões em filosofia da mente sobre a consciência entre as décadas de 80 e 90 do século XX, naquele ressurgimento tivemos muitas publicações por diversos autores, além da criação de revistas especializadas (Van Gulick, 2004, p. 5). Destaque para a década de 90 a qual presenciou-se uma ampliação na metodologia por vezes ideológica da então tradição analítica, pautada por investigações de cunho com viés no modelo fisicalista num primeiro momento, e empirista num segundo momento; para uma abordagem múltipla nos métodos de investigação abrindo espaço, por exemplo, para entrada de modelos metafísicos na filosofia da mente.

É importante ressaltarmos esse ressurgimento, pois o que se discutia anteriormente a década de 90, não era bem uma abordagem diretamente ligada ao tema ‘consciência’, mas sim modelos de estudos ideológicos a respeito da mente. Marcada por características das recentes ‘ciências cognitivas’, discutia-se metodologias comportamentais e relações causais, buscava-se descobrir a estrutura funcional da mente, em detrimento de sua estrutura ontológica, abordagens neurocientíficas, revelando uma ideia de que eram direcionados a entender mecanismos para o surgimento da consciência pelo cérebro e ou corpo. Ou seja, estudava-se o ‘comportamento’ através do método empírico da observação, não o que era o fenômeno da consciência, mas, como era possível seu surgimento, através de que meios surgia. Não era diferente com a filosofia da mente, a mesma empregava metodologias semelhantes, até que se convencionou a necessidade de múltiplas abordagens, ou uma ampliação no estudo da consciência. Sobre isso, acrescentamos as ampliações dos filósofos da mente John Searle e Daniel Dennet.

John Rogers Searle (1932) em *A redescoberta da mente*, (2006), propõe uma abordagem mais centralizada (subjéctiva) da consciência, faz uma crítica directa à ciência objectiva do comportamento – behaviorismo -, empregada principalmente pelas ciências cognitivas, como a psicologia ou as neurociências daquele período. Para ele, não é possível conhecer fenômenos mentais apenas observando comportamentos e relações causais de outras

peessoas. Por isso propõe uma reforma para os estudos dos fenômenos mentais, (Searle 1992, p. 11).

A consciência é o resultado de processos neurofisiológicos no cérebro, independente, não redutível a outros elementos. Searle observa bem a questão da redução, pois abordagens do tipo fisicalista ou o ‘modelo fisicalista’ em que tudo poderia ser redutível ao físico ainda eram predominantes naquele período, essa abordagem praticamente encerrava as discussões deixando muitas questões em aberto ou em suspenso. Foi necessário, portanto, uma abordagem mais ampla, mais que isso, observa-se na proposta do autor em questão uma superação tanto a materialistas quanto a dualistas, por um novo conceito o chamado “Naturalismo biológico”. Searle diz já na introdução de seu livro:

[...] Todos nós temos qualitativos subjetivos (*ou qualidades subjetivas, grifo nosso*) da consciência, e temos estados mentais intrinsecamente intencionais, como crenças e desejos, intenções e percepções. Tanto a consciência quanto a intencionalidade são processos biológicos causados por processos neuronais inferiores no cérebro, e nenhum deles é redutível a outra coisa (Searle 2002, p. xi-xii, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Os termos “consciousness”, “conscience”, “self-consciousness” e “cognition”, por vezes tornam-se empecilhos para compreensão do que se quer realmente expressar pelo termo “consciência”. Afim de evitar ou minimizar o não entendimento de sua noção de consciência, Searle exemplifica: a consciência acontece quando estamos acordados (vigília) e pode apresentar diferentes graus. Quando estamos dormindo não temos consciência, mas quando sonharmos sim, apresentamos consciência em nível mais baixo. A consciência pode ser comparada a uma chave que hora se liga e hora se desliga, e uma vez ligada parece um reostato porque apresenta diferentes graus. (Searle, 2002, p. 83).

Searle propõe a naturalidade da consciência, uma consciência natural biológica. Apresenta tipos, temos uma consciência subjetiva quando, por exemplo, sentimos dor; ou consciência externa, quando, por exemplo, temos consciência do que está acontecendo em nossa volta. Apresenta graus, pois quando se estiver sonhando tem-se um nível de consciência mais baixo, ou mais amplificado quando acordado, ou ainda nenhuma se estiver morto ou

---

3[...] We all have inner subjective qualitative states of consciousness, and we have intrinsically intentional mental states such as beliefs and desires, intentions and perceptions. Both consciousness and intentionality are biological processes caused by lower-level neuronal processes in the brain, and neither is reducible to something else, (Searle 2002, p. xi-xii).

dormindo. Sendo a consciência externa, a ciência do que está em nossa volta como característica principal.

De forma diferente, Daniel Clement Dennett (1942) também propõe uma ampliação no entendimento tradicional de como acontece a consciência. Vê a ciência biológica e computacional como norteadores para sua teoria da consciência.

Nossa menção a respeito da teoria do filósofo Dennett centra-se no seu livro “Consciência explicada” (1991), neste encontramos a construção teórica científica dos múltiplos rascunhos que, ao contrário da clássica cartesiana, propõe múltiplos locais no cérebro (neurônios) onde pode acontecer a consciência. Ou seja, não há para o autor em questão um ponto central onde ocorre a consciência, mas sim, diversos locais no cérebro podem ser estimulados ou provocados, digamos assim, dando uma resposta – a consciência como entendemos hoje.

Com a intenção de desconstruir o entendimento majoritário acerca de como acontece a consciência, Dennett desde o prelúdio do livro, introduz de forma muito didática considerações sobre alucinações para só então avançar na construção de vários argumentos acerca do funcionamento do corpo, mostrando tempo de respostas a estímulos externos nos sentidos como visão e audição. O caminho para a superação do pensamento tradicional juntamente com seus paradoxos e mistérios tradicionais passa por uma readequação do pensamento, uma ruptura com o dualismo seja de substâncias ou propriedades, através da organização dos fatos em uma única visão, o alicerce científico atual. Sentimentos como amor, dor e outros, são medos que impedem o avanço de uma visão funcional do corpo humano.

Caso os seres humanos conscientes fossem “apenas” objetos materiais animados, como qualquer coisa que fizemos com eles poderia ser certa ou errada? Esses estão entre os medos que alimentam a resistência e distraem a concentração daqueles que são confrontados com tentativas de explicar a consciência (Dennett, 1991, p. 34, tradução nossa)<sup>4</sup>.

---

4 If conscious human beings were “just” animated material objects, how could anything we do to them be right or wrong? These are among the fears that fuel the resistance and distract the concentration of those who are confronted with attempts to explain consciousness, (Dennett, 1991, p. 34).

Não há mais espaço para um lugar central no cérebro onde acontece a experiência consciente. O ponto de vista do observador não pode ser parâmetro para a certeza subjetiva da experiência consciente. Como demonstrado por Dennett experimentos mostram que o tempo de processamento a estímulos externos não é igual para todos indivíduos, a exemplo dos estímulos visuais serem processados de forma mais lenta em relação aos estímulos auditivos.

O cérebro é a sede, o lugar onde está o observador final, mas não há razão para acreditar que o próprio cérebro tenha qualquer sede mais profunda, qualquer santuário interno, onde a chegada é a condição necessária ou suficiente para a experiência consciente. Em suma, não há nenhum observador dentro do cérebro. (Dennett, 1991, p.118, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Descartes (1640), busca definir a noção de pensamento sendo o grande precursor dos moldes contemporâneos na filosofia da mente; Locke (1688) a trata como essencial ao pensamento e a identidade pessoal; Leibniz (1686) propõe infinitos graus de consciência e talvez pensamentos inconscientes, distinguindo entre consciência e autoconsciência. Entre os séculos XVII - XIX o estudo da consciência divide-se em dois grandes blocos; de um lado, a psicologia associacionista anglo-americana - visando descobrir os princípios pelos quais os pensamentos ou ideias conscientes interagem ou afetam um ao outro; do outro, a fenomenologia germânica e europeia – centrada na estrutura mais ampla da experiência do eu consciente. O surgimento do behaviorismo, com ênfase no comportamento, e a psicologia cognitiva, com ênfase no processamento de informação e criação de modelos de processos mentais internos também são destaques na construção do entendimento da consciência. (Van Gulick, 2004, p.2-4)

Para tentar definir estados conscientes de estados não conscientes, Van Gulick mostra uma apresentação mais detalhada da consciência referindo-se ao modo de como podemos lançar mão de estudos mais detalhados. Assim, nos apresenta diversos usos do termo consciente (adjetivo), (i) organismos inteiros – para consciência de criatura; (ii) como a estados e processos mentais particulares – para consciência de estados; uma terceira opção é a consciência como entidade, ou seja, como uma substância um ser, que será tratada adiante.

---

<sup>5</sup> The brain is Headquarters, the place where the ultimate observer is, but there is no reason to believe that the brain itself has any deeper headquarters, any inner sanctum, arrival at which is the necessary or sufficient condition for conscious experience. In short, there is no observer inside the brain, (DENNETT, 1991, p.118).

Assim, para efeitos de estudos e conhecimento destes graus e tipos de consciência, adotou-se uma divisão em grupos ou famílias.

Consciência de criatura, a qual engloba organismos inteiros como a sentiência (sentience), vigília, autoconsciência, com é (what it is like), sujeito de estados conscientes. Consciência de estado, a qual engloba estados e processos mentais particulares como estados em que se sabe que se está (states one is aware of), estados qualitativos, estados fenomenais, estados como-é (what it is like), consciência de acesso, consciência narrativa. Vê-se o substantivo consciência em diversos usos, mostrando distinções entre consciência de criatura e de estados, além de suas variedades, nos dois primeiros casos, percebemos o termo como um tipo de propriedade ou aspecto de uma consciência, não como uma entidade substancial.

Com o grande avanço nesse campo convencionou-se a criação de ferramentas teóricas a fim estruturar melhor o entendimento e também nortear os estudos consequentes. Não é o caso aqui de uma única forma de abordagem das variadas teorias da consciência, mas apenas norteadoras para uma melhor organização nos estudos. Elas não são específicas em suas abordagens e geralmente se complementam. Essas ferramentas são pautadas por três questões, a saber: acerca do ‘o que’, ‘como’ e ‘porque’ respectivamente: descrever, explicar e questionar, (Van Gulick, 2012, p 12).

A questão descritiva: O que é a consciência? Quais são suas características principais? E por que meios elas podem ser mais bem descobertas, descritas e modeladas?

A questão explicativa: Como a consciência do tipo relevante passa a existir? Ela é um aspecto primitivo da realidade e, se não, como a consciência no aspecto relevante surge (ou poderia surgir), ou é causada, por entidades ou processos não-conscientes?

A questão funcional: Por que a consciência do tipo relevante existe? Ela tem uma função e, se sim, qual? Ela age causalmente e, se sim, quais seus tipos de efeitos? Ela faz diferença para a operação dos sistemas em que está presente e, se sim, por que e como? (Van Gulick, 2004, p.12)

## INTENCIONALIDADE COMO CARACTERÍSTICA DA CONSCIÊNCIA

Neste tópico pretendemos mostrar uma característica da consciência, a – intencionalidade. Perceberemos que experienciar algo é intencionar e tudo isso está ligado ao nosso subjetivo.

O problema da intencionalidade se entrelaça com o problema da consciência, isso porque dizer que alguém tem ‘experiência’ é preciso assumir também que esta pessoa está fenomenologicamente em um “estado consciente ou mesmo autoconsciente”. Assim, podemos assumir um estado consciente como um estado que experiencia algo. Esses estados de consciência são obtidos através dos nossos sentidos, olfato, tato, paladar, audição, por exemplo, ou quando se fecha os olhos e pensa uma cor como o azul ou sente a dor de uma ferroadada de uma abelha, esses fatos são entendidos como experiências. Se de um lado podemos entender a consciência como experiências sentidas pelo ser, por outro também podemos entender que para além de seu caráter sensorial, também podemos afirmar seu lado fenomenal ou subjetivo, é como o ser experimenta sua própria experiência.

O Verbetes da Stanford coloca nos seguintes termos:

Em um entendimento bastante comum entre os filósofos, a consciência é a característica que faz os estados contarem como *experiências* em certo sentido: ser um estado consciente é ser uma experiência. Exemplos amplamente (mas não universalmente) aceitos incluiriam estados sensoriais, imagens, pensamento episódico e emoções do tipo que comumente desfrutamos. Por exemplo, quando você vê algo vermelho, *parece de* alguma forma para você; quando você ouve um estrondo, *soa* de alguma forma para você, (Siewert, Charles, 2016, s/p).

Portanto, podemos entender a consciência como as experiências que permeiam toda uma vida mental concebida prontamente através dos sentidos e ou ainda, de como a mente experiencia, ou seja, como ela mesma interpreta suas próprias experiências, advindas dos sentidos ou fenomenologicamente.

Damásio, (2011), entende que sem a subjetividade da consciência, seria impossível para qualquer um de nós conseguirmos diferenciar se nossa existência é real ou até mesmo saber quem somos nós e nem as coisas que nos cercam. Isso demonstra de maneira clara que a consciência é fundamental para a constituição do homem enquanto tal. E, sua maior

característica não é ser apenas um conjunto de imagens bem organizadas e detalhadas, mas, sim, o poder de tornar essas imagens propriamente de um sujeito e que este ser, está vivo e pode atuar livremente.

A consciência não se resume a imagens na mente. Ela é, no mínimo, uma organização de conteúdos mentais, centrada no organismo que produz e motiva esses conteúdos. Mas a consciência, no sentido que o leitor e este autor podem experimentar a qualquer momento que desejarem, é mais do que uma mente organizada sob a influência de um organismo vivo e atuante. É também uma mente capaz de ter noção de que esse organismo vivo e atuante existe, (Damásio, 2011, p.15).

Em face dessa contingência, concluímos que a consciência é parte inerente ao ser humano que o faz saber, quem ele é o que ele é e como ele é. Isso significa que retirada a consciência do homem, ele jamais poderia nem mesmo conceber a sua realidade tal como ela é.

### **3.1 INTENCIONALIDADE E CONSCIÊNCIA EM FRANZ BRENTANO**

Em uma tentativa de trazer luz à questão da intencionalidade e da autoconsciência, Franz Clemens Honoratus Hermann Brentano, (1838-1917), propõe que a intencionalidade e a autoconsciência são responsáveis pela formação psíquica do ser humano, para ele, a consciência de quaisquer coisas se dá pela intencionalidade, o grande problema enfrentado por Brentano reside no fato de que não se pode restringir a autoconsciência a uma classe dos atos intencionais (fenômenos psíquicos ou mentais), uma vez que ela não é um ato secundário a esses atos, mas, sim está relacionada a todo e qualquer ato, outro ponto a discutir na teoria da intencionalidade brentaniana, reside no fato de que para não cair em uma regressão ao infinito, a estrutura da autoconsciência deve ser diferente de todos os atos intencionais.

Todo e qualquer fenômeno psíquico é caracterizado pelo que os escolásticos da Idade Média denominavam como inexistência intencional (ou também mental) de um objeto e que nós, se bem que com expressões não completamente inequívocas, poderíamos denominar como a referência a um conteúdo, a direção para um objeto (pelo qual não se deve entender uma

realidade) ou a objetividade imanente, (Brentano, 1874, p. 115, tradução nossa).<sup>6</sup> apud (Scholten, H. (2016)

A resposta brentaniana para a questão se encontra balizada em três pilares: i) toda consciência de objeto é auto representativa; ii) a autoconsciência e a consciência intencional podem ser verificadas no mesmo nível; e iii) em qualquer ato intencional autoconsciência e intencionalidade se direcionam concomitantemente tanto para um objeto quanto pra si mesmo.

A intencionalidade, por outro lado, tem a ver com o direcionamento, a relação ou a referência dos estados mentais - o fato de que, por exemplo, você pensa em ou sobre algo. A intencionalidade inclui, e às vezes é vista como equivalente, o que é chamado de “representação mental”, (Siewert, Charles, 2016, s/p).

A intencionalidade para o filósofo é entendida, portanto, como os estados mentais ou eventos consistentes em serem *de* ou *sobre* as coisas. Ou seja, a intencionalidade é o direcionamento e ou mesmo a referência da mente para qualquer tipo de evento coisa, ou estado de espírito. Dizendo de outro modo, quando pensamos em uma cidade qualquer, ou em seu custo de vida, ou como iremos fazer para chegar a tal cidade, a mente e o pensamento se voltam para os pontos supracitados, ou seja, foram direcionados para tais pontos tornando-os conscientes.

Dentro desta ótica, pode-se afirmar que para Brentano, toda e qualquer sensação bem como as dores, fazem parte dessa intencionalidade uma vez que, as representações sensoriais são a representatividade dos estados físicos internos ao corpo ou suas mudanças, isso porque elas apontam para algo.

Todo ato psíquico é consciente; é uma consciência dele dado em si mesmo. Todo ato psíquico, por mais simples que seja, tem um duplo Objeto, um primário e um secundário, O ato mais simples em que ouvimos, por ex. B. tem tom como objeto primário, mas ele mesmo, o fenômeno psíquico, como objeto secundário, em que o tom é ouvido. Ele é deste segundo objeto de três

---

<sup>6</sup> Todo fenómeno psíquico está caracterizado por lo que los escolásticos de la Edad Media han llamado la inexistencia intencional (o mental) de un objeto, y que nosotros llamaríamos, si bien con expresiones no enteramente inequívocas, la referencia a un contenido, la dirección hacia un objeto (por el cual no hay que entender aquí una realidad), o la objetividad inmanente<sup>47</sup>. (BRENTANO, 1935, p.81)

maneiras uma consciência. Ele o apresenta, o reconhece e o sente”, (Brentano, 1874, p.202).<sup>7</sup>

Por conseguinte, Brentano sugere uma divisão entre fenômenos físicos e psíquicos, ainda que a linha divisória entre ambos apresente suas dificuldades. Isso porque a intencionalidade está atrelada tanto aos fenômenos psíquicos quanto físicos. i) Fenômenos psíquicos o ouvir um som, a visão de um objeto, a sensação de calor e frio; assim como também o pensamento de um conceito geral, juízo, lembrança, expectativa etc.; além destes, estão incluídas neste termo também todas as emoções: alegria, tristeza, medo, esperança, valor, covardia, cólera, amor etc. ii) Já os fenômenos físicos, ao contrário, podem ser oferecidos pelos seguintes exemplos: “uma cor, uma figura, uma paisagem que vejo um acorde que ouço o calor, o frio, o odor que sinto e as coisas semelhantes que me aparecem na fantasia” (PES, I, p. 111-112 apud Pires 2019, p. 39).

Dentro desta ótica, pode-se entender na filosofia brentaniana que os fenômenos psíquicos estão em fluxo e se sessados para serem observados, ficam descaracterizados, e nem mesmo os fenômenos passivos como o ouvir não podem ser observados. Isso porque até se pode medir o fenômeno físico “onda sonora”, mas não se pode medir som mesmo que possa ser separado do ato de ouvir, mas não se separa do objeto. Nas palavras de Brentano “a percepção interna de nossos próprios fenômenos psíquicos é, então, a primeira fonte de experiências indispensáveis às investigações psicológicas.” (Brentano, 1995, p. 34)

A grande questão se assenta em como Brentano relaciona a consciência e a intencionalidade, considerando que os atos mentais são conscientes e intencionais, ou seja, uma percepção interna que se representa, julga conforme se apresenta. Ademais, ele não descarta a possibilidade da existência de atos mentais *inconscientes*, porém para ele esses atos não são percebidos.

---

<sup>7</sup> Jeder psychische Act ist bewusst; ein Bewusstsein von ihm ist in ihm selbst gegeben. Jeder auch noch so einfache psychische Act hat darum ein doppeltes Object, ein primäres und ein secundäres, Der einfachste Act, in welchem wir hören, z. B. hat als primäres Object den Ton, als secundäres Object aber sich selbst, das psychische Phänomen, in welchem der Ton gehört wird. Von diesem zweiten Gegenstande ist er in dreifacher Weise ein Bewusstsein. Er stellt ihn vor, er erkennt und fühlt ihn“. Franz Brentano – *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot. 1874, Erster Band, Buch II, Capitel 3, p. 202.

### 3.2 A REFORMULAÇÃO DE HUSSERL SOBRE A INTENCIONALIDADE

A teoria brentaniana influenciou outros filósofos na década de 1870 tais como Edmund Gustav Albrecht Husserl, (1859 - 1938), que em sua fenomenologia, também se ocupa assim como Brentano na compreensão sob a ótica do sujeito, mesmo que descritivamente a relação entre a experiência e o objeto, assim fazendo uma reinterpretação da psicologia descritiva brentaniana como fenomenologia, que, também, tem um importante papel na filosofia. Embora Husserl tenha sido aluno de Brentano, suas concepções no tocante a intencionalidade e à consciência, vão de lado oposto de seu mestre evidenciado nas críticas feitas pelo mesmo.

Para o Filósofo a terminologia usada por Brentano apresenta certa ambiguidade ao apresentar sua teoria sobre os fenômenos da intencionalidade. Ao usar o método descritivo-classificatório dos fenômenos psíquicos, que consiste em apresentar os fenômenos como eles são dados sem a pressuposição da existência da subordinação dos fenômenos, assim a postulação de entidades em si seria evitada. A teoria da intencionalidade husserliana, permite analisar os fenômenos como nos são apresentados à nossa consciência e não como em sua conceituação teórica. Eis uma das diferenças entre Brentano e Husserl, para o primeiro, os fenômenos são apresentados como um objeto que a consciência acessa, já para o segundo, estes fenômenos devem ser entendidos como um vivido da consciência sendo estes subjetivos.

O filósofo estabelece uma diferença entre qualidade e matéria do ato. Os juízos podem partir de proposições diferentes, mas sempre são juízos, mesmo que participem de categorias diferentes. E, a qualidade de serem juízo se referem a qualidade do ato que podem ser tanto às emoções quanto a seus atos cognitivos, (Husserl, 2012, p. 429).

Essa diferença consiste no fato de que para o filósofo, visar qualquer objeto mesmo que esse não venha existir fora da mente é uma vivência, por isso não se pode falar na separação entre o objeto e sua vivência intencional. Esse fato nos leva a acreditar que sob a ótica fenomenológica, se de fato um objeto existe fora da mente, podendo ser visado ou não, não altera a experiência mental. Pode-se tomar como exemplo se pensarmos em um centauro, um afigura mítica que não existe de fato na realidade dada, mas, para a experiência mental. Isso significa dizer que, mesmo que esse centauro tenha uma in-existência intencional, a vivência representativa está presente na ação mental, mesmo que ele não seja de fato real.

"Para a consciência, o dado é essencialmente idêntico, quer o objeto representado exista, quer seja fictício quer seja mesmo um contrassenso", (Husserl 2012, pg. 91).

Por conseguinte, a consciência é sobretudo, consciência de algo, o que permite a formação dos sentidos dos objetos através dessa intencionalidade. Isso porque ao aparecer o objeto na consciência, embora ele tenha em si próprio o seu sentido, ao mesmo tempo, em que o vivenciamos, este mesmo objeto nos aponta inúmeros outros aspectos, e isso se dá devido o fato de que as vivências dos objetos se ligam umas com as outras formando uma unidade apresentada à consciência dando sentido às coisas por ser sempre a consciência de alguma coisa.

Dessa maneira Husserl afirma que não há consciência sem intencionalidade, sempre se referindo a algo, algum objeto ou sentimento e, por conseguinte, moldando o cogito cartesiano, ele afirma que a percepção é sempre a percepção de algo, ou seja, há sempre a relação da consciência com algum objeto, e ela não está fechada em si mesma, e é a intencionalidade que faz este elo entre a consciência e o objeto. Nota-se, portanto, que há entre o objeto e a consciência uma correlação em que ambos se definem, rejeitando o cogito cartesiano que sustentava que tudo estava no sujeito pensante bem como rejeita as concepções empiristas que sustentavam que o conhecimento reside nos objetos exteriores, (Husserl, 2001, p.48).

Nesse sentido, a fenomenologia husserliana, sustenta que todo estado mental seja considerado como consciente, necessariamente ele precisa ser uma experiência, ou seja, precisam incluir quer sejam percepções, o imaginário representativo, os pensamentos conceituais, as emoções, etc... Elas precisam ser experimentadas, porém se serem objetos contínuos da percepção interna.

Ademais, para o filósofo, ao retomar o conceito de intencionalidade de seu mestre Brentano, o reformulando e o tomando como ponto central de sua investigação afirmando que toda intencionalidade é o que a priori caracteriza a consciência e que toda vivência (experiência) faz parte desse fluxo de consciência; ao contrário de Brentano que não parece conceber a experiência como primordial para intencionalidade. E, por fim, sem a consciência os fenômenos que se apresentam à ela não fariam sentido uma vez que, é a própria consciência que dá sentido aos fenômenos.

### 3.3 A PROPOSTA DE JOHN SEARLE PARA O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA E INTENCIONALIDADE

Notamos até aqui que tanto na visão de Brentano quanto na visão de Husserl, existem dois grupos de fenômenos: os físicos e os mentais como uma característica irreduzível do mental. Os fenômenos físicos são aqueles dados à percepção, através dos sentidos, (ouvir, ver, sentir cheiros, etc..). Por outro lado, os fenômenos mentais, ou psíquicos são todos os atos mentais, tais como vontades, desejos, pensamentos, etc... Assim, se pode dizer que todo objeto intencional está contido no fenômeno mental e, a existência desse objeto não pode ser concebida fora do sujeito.

O filósofo contemporâneo John Searle, na formulação da sua filosofia da mente reconhece que a intencionalidade ocupa um papel importante na vida humana e, por isso ele passa a dar a ela um destaque em seus estudos dedicando uma obra inteira ao tema que levou o nome de *Intencionalidade*, (1995).

Nessa obra, O filósofo desenvolve seu entendimento sobre a intencionalidade e, logo nas primeiras páginas de seu escrito ele já nos define a intencionalidade como:

Poderíamos dizer, a título de formulação preliminar, que a Intencionalidade é aquela propriedade de muitos estados e eventos mentais pela qual estes são dirigidos para, ou acerca de, objetos e estados de coisas no mundo, (Searle, 1995, p.01).

Dessa definição preliminar dada pelo filósofo se pode notar que a intencionalidade é uma propriedade do mental. O desafio de Searle em sua *Obra* é o de fundamentar que a intencionalidade é um processo natural, isso porque em sua visão, a consciência é um fenômeno natural como qualquer outro. Diferentemente de Brentano, que sustentava que consciência e intencionalidade é a mesma coisa, para Searle, além de nem todo estado mental ser intencional ele também difere intencionalidade e consciência. Dessa forma, observamos que os estados mentais intencionais obedecem a algumas condições tais como necessariamente a sua existência, e o direcionamento, conforme vimos anteriormente, a intencionalidade é sempre referenciada “a”, há um direcionamento, (Searle, 1995, p.49).

Rejeitando que a intencionalidade seja reduzida a crenças e desejos, Searle aponta duas problemáticas que sustentam sua rejeição. A primeira é a de quando se fala em

sentimentos como altivez, mágoa, felicidade, se constitui um erro dar-lhes uma estrutura formal. E, a segunda reside no fato e que a lógica se ocupa com aquilo que é valorado como verdadeiro ou falso. A lógica se ocupa de proposições. Assim, o filósofo sustenta que a percepção e a ação, são as formas primordiais de intencionalidade descartando as crenças e os desejos.

Em poucas palavras, a hipótese defendida por nossa breve discussão não é a de que todas ou mesmo várias formas de Intencionalidade podem ser reduzidas a Crenças ou Desejos – o que é claramente falso –, mas sim a de que todos os estados Intencionais, mesmo aqueles desprovidos de uma direção de ajuste e aqueles que não têm uma proposição completa por conteúdo, não obstante, contém uma crença ou um desejo, ou ambos, e que em diversos casos a Intencionalidade do estado é explicada pela crença ou pelo desejo, (Searle, 1995, p. 49).

Dentro dessa ótica, Searle irá instituir três aspectos à consciência que são indispensáveis para sua existência como um processo natural biológico. (i) O primeiro diz respeito a sua característica de ser interno, ocorrendo dentro de um corpo e não fora dele, isso diz respeito ao seu modo espacial. Isso quer dizer que a consciência não pode ser separada de um corpo, não se pode, por exemplo, estar fisicamente (corpo), sentado em uma cadeira na faculdade e sua consciência estar em um parque de diversões, separada de seu cérebro. Essa intencionalidade também fica clara quando do ponto de vista ontológico se percebe que os estados mentais fazem parte de rede constituída também por outros estados mentais relacionando-se uns com os outros. (Searle, 1995, p.99).

(ii) O segundo aspecto mencionado por Searle é a qualidade, que se refere ao modo como os objetos são sentidos e como eles se apresentam em cada estado mental. Isso implica dizer que o modo de como se escuta um solo de guitarra ou uma música qualquer é diferente de como se toma um copo de leite ou de sentir o cheiro de uma rosa. Isso porque os objetos não são conscientes e, por esse motivo os estados conscientes são determinados por como o sujeito experimenta ou os experimenta, (Searle, 2000, p.47)

E por fim, (iii) o terceiro aspecto para a existência da consciência é a sua subjetividade. Isso quer dizer que para ser um estado consciente é preciso ser um ser vivo dotado de tal capacidade, ontologicamente falando, o sujeito experimenta os seus estados

mentais em primeira pessoa o que não é possível para os objetos contidos no mundo como, as árvores, a terra, a cerca e etc., (Searle, 2000, p.51).

Dentro dessa ótica, ainda se pode observar que para Searle a consciência é uma rede constituída de inúmeros estados mentais que se relacionam entre si. Dessa afirmação surge o que ele denomina como *background*, um pano de fundo que permite os estados mentais se relacionarem e assim, formarem a consciência.

Nesse sentido, é possível a partir da filosofia de Searle dizer que se possuem dois tipos de background que servirão de apoio à intencionalidade, O primeiro seria uma espécie de background universal, comum à todo ser humano que ele denomina como *Background de base* e o segundo é um background local, que varia de acordo com a cultura e linguística a que este ser está inserido.

Searle coloca da seguinte forma:

O Background é um conjunto de capacidades mentais não-representacionais que permite a ocorrência de toda representação. Os estados Intencionais apenas têm as condições de satisfação que têm e, portanto, apenas são os estados que são sobre um Background de capacidades que, em si mesmas, não são estados Intencionais. Para que eu possa ter agora os estados Intencionais que tenho, preciso ter determinados tipos saber prático (Know-how): preciso saber como as coisas são e preciso saber como fazer as coisas, mas esses tipos de “saber como” (Know-how) em questão não são, nesses casos, formas de “saber que” (Know-what). [...] Ora, tanto no Background de base como no local precisamos distinguir entre os aspectos relacionados ao “modo como as coisas são” e os aspectos relacionados ao “modo como fazer as coisas”, embora seja importante enfatizar que não há uma linha divisória nítida entre “o modo como as coisas são para mim” e “o modo como eu faço as coisas”. Por exemplo, faz parte de minha atitude pré-intencional para com o mundo que eu reconheça graus de rigidez das coisas como parte do “modo como as coisas são” e que eu tenha certas habilidades físicas como parte do “modo como fazer as coisas”, (Searle, 1995, pp. 198,200).

Nesse âmbito, o filósofo acredita que o background não é apenas uma relação causal entre o Ser e o mundo, embora ele seja criado pelas relações sociais e biológicas, é mente do Ser que esta relação se dá e, somente na mente é que o background é capitado e acessado.

Dentro da filosofia searleana, há uma variação nos tipos de intencionalidade, e se apresentam de cinco tipos diferentes: intrínseca, derivada, aparente ou metafórica, coletiva e individual. A intencionalidade i) *intrínseca* diz respeito aos estados mentais sem a

necessidade de um observador, assim, a representação do mundo e dos objetos, são representados pela mente a si mesma. A Intencionalidade ii) *derivada* por sua vez, é inteiramente dependente de uma interpretação ou significado linguístico e sempre são dependentes de quem usa a linguagem e de um observador. Por conseguinte, a intencionalidade iii) *aparente* ou *metafórica*, diz respeito a uma intencionalidade metafórica, e não literal, o exemplo usado pelo autor é o de uma planta que está “com fome”, ele analogamente compara as plantas aos seres humanos e animais que de fato tem fome de alimentos. Já a intencionalidade iv) *coletiva*, diz respeito aquele tipo de intencionalidade não redutível eu se apresenta na primeira pessoa do plural, outra característica desse tipo de intencionalidade é que ela não é redutível e, não é a somatória das individuais e, também é sobre ela que se assentam todas as atividades sociais. E, por fim, a intencionalidade v) *individual*, é a intencionalidade do indivíduo, do eu, na primeira pessoa do singular, e, esta é derivada da intencionalidade coletiva, (Searle, 2000, p. 90).

Podemos concluir por este turno que embora na visão searleana a intencionalidade possa se apresentar de diversas maneiras ela não necessariamente será estará na primeira pessoa do singular, mas ocorrerá sempre na mente individual.

Por conseguinte, o entendimento de Searle sobre a intencionalidade e o entendimento se difere do entendimento brentiano devido ao fato de que Searle acredita que a intencionalidade é um processo natural como o processo digestivo, e que por esse motivo poderia se estudar a consciência a partir das ciências naturais. O que se distancia do dualismo postulado por Brentano, dos fenômenos físicos e psíquicos que sustentava que a psicologia deveria se ater aos processos mentais.

Ademais, o filósofo sustenta que a intencionalidade se divide em cinco modos como vimos anteriormente, coletiva, individual, intrínseca, aparente e derivada, e que embora se possa postular esses tipos de intencionalidade, elas são um processo natural, não podendo ser separados da consciência e do cérebro. Isso quer dizer que a intencionalidade é parte inerente e inseparável dos processos mentais.

## O PRISMA DUALISTA DA CONSCIÊNCIA

A consciência sobre o prisma Dualista é a crença numa consciência que subsiste por si mesma em relação ao corpo, ou seja, a crença na existência de um corpo material e na existência de uma consciência imaterial, isso quando falamos de dualismo de substâncias, pois, sob o prisma do dualismo de propriedades, não se trata da crença na existência de uma consciência imaterial, mas de propriedades não-materiais ou imateriais.

A questão a ser respondida sobre a consciência é em torno de como se dá a relação entre mente e corpo ou qual a relação entre propriedades mentais e propriedades físicas. Tendo em vista o parecer humano ter propriedades físicas e mentais. Ainda, o que são estados mentais e físicos, um é subclasse do outro ou são totalmente distintos? Ontologicamente falando, estados mentais influenciam estados físicos ou vice-versa, se sim, como? Causalmente falando, propriedades físicas são observáveis, apresentam peso, forma, cor, movimento. As mentais, diferentemente, não são observáveis, podem apresentar experiência perceptiva, emocional, tem intencionalidade, incluindo crenças desejos, além de outras; possui também um sujeito 'eu' também chamado de self, (Damásio, 2011, p.197).

O dualismo abarca várias teorias ou modos de ver o problema, dentre os quais destacamos o de substâncias. Buscaremos seguir uma ordem sequencial de acontecimentos (mesmo sabendo da impossibilidade de abarcar inúmeros autores), apresentaremos o problema mente-corpo sob a ótica dualista, tentando mostrar os desdobramentos ocorridos partindo do dualismo clássico platônico, fazendo uma pausa em Descartes onde abordaremos a noção de consciência especificamente em sua obra (*O Discurso do Método 2001*). Por fim o entendimento sobre o que é a consciência seus aspectos, tipos, funcionamento e lugar na natureza, desenvolvida pela contemporaneidade e finalizando com problemas suscitados a partir do dualismo cartesiano.

#### 4.1 DUALISMO CLÁSSICO PLATÔNICO.

Neste tópico, percorreremos o conceito de alma ou psique em Platão especificamente no diálogo Fédon, com a intenção de mostrar desdobramentos do dualismo no período clássico da filosofia. Neste texto Platão expõe a narrativa do diálogo entre Sócrates, discípulos e alguns presentes, momentos antes de sua morte por envenenamento. O assunto principal em é a imortalidade da alma ψυχή (psique), e detentora de conhecimentos inatos advinda do mundo das ideias. Igualmente, nossa motivação nesse primeiro momento é direcionar o leitor no entendimento do termo ‘alma’ como imortal e um tipo de ‘intelecto’ ou pensamento nesse diálogo platônico, dando motivo para o surgimento de grandes desdobramentos que perduram até os dias de hoje.

No diálogo Fédon o personagem Sócrates busca defender-se perante alguns discípulos e ouvintes sobre o porquê preferir a morte ao invés de buscar outras soluções para o problema que fora acusado. O Sócrates platônico, através do método investigativo reflexivo conduzido por diálogos e conhecido pelo nome ‘maiêutica socrática’, produz uma extraordinária reflexão nos presentes ouvintes sobre a importância da alma imaterial e do desapego ao corpo material, fazendo-os entender seus motivos. Basicamente, revela-se no contexto, a crença na existência de duas substâncias, a alma e o corpo. Sendo a primeira imortal e – neste caso - sede do pensamento e intelecto; e a segunda o corpo material. Este, uma espécie de habitáculo para alma inteligente, mas contendo desejos e sentidos que, impedem a boa reflexão da psique. Aquela participa do mundo inteligível, faz parte da alma o intelecto. A alma está aprisionada ao corpo e deseja libertação. (Deste entendimento sucede seu argumento em prol de preferir a morte ao invés de tentar libertar-se da prisão) consistindo basicamente em livrar-se do corpo, para que a alma possa participar das coisas puras, do verdadeiro conhecimento novamente. (Platão 1972. 78b4 – 84b8).

No dualismo platônico, existe o entendimento, podemos perceber assim, um conflito aparente entre alma e corpo. O desejo pela libertação da alma de encontrar-se novamente com o verdadeiro conhecimento; e o corpo voltado para desejos corporais. Vimos até o presente que a alma pode ser também entendida por pensamento, pois deseja (ou intenciona) libertar-se do cárcere do corpo no Fédon; mas, que é impedida de alcançar o verdadeiro conhecimento devido ao seu aprisionamento corporal. No entanto, a única explicação para esse ‘aprisionamento’, (o que poderíamos chamar de ‘relação’ na filosofia da mente contemporânea) é o divino ou o não natural.

Ou seja, diferentemente do vocabulário contemporâneo empregado na filosofia da mente, Platão usa o termo aprisionamento (em detrimento de relação) e coloca o Divino como ponto de convergência entre as duas partes: alma e corpo. Veremos no próximo tópico que Descartes sugere a glândula pineal como ponto de convergência entre alma e corpo.

Algumas passagens nos permitem compreender dessa forma; primeiramente, encontramos uma vaga resposta para a ligação entre alma e corpo nas passagens compreendidas entre 62b-63d do Fédon. Apesar de o assunto ser outro: prisão da alma e o dever de não cometer suicídio para libertar-se, mas esperar no divino tal providencia (Fédon 62b8-62c13), pode-se inferir o divino como compilador entre alma e corpo. E na sequência, em que Sócrates fala da morte como libertação do pensamento, coloca Deus como sendo o laço entre alma e corpo. (Fédon 67a13-14). Também, quando fala dos pares de contrários, pode-se inferir (mesmo que forçosamente) um engendramento entre o invisível e o material – alma e corpo. “... – Não é verdade que esses estados se engendram um ao outro, já que são contrários, e também que a geração entre um e outro é dupla, já que são dois?” (Fédon, 71c8-12, p.). Robson (1998), conclui o ‘não-natural’ na relação alma-corpo, em seu artigo sobre as características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão.

A conclusão de tudo isso é que, para o Sócrates do Fédon, a relação alma-corpo é essencialmente não-natural. Encontra evidência para tanto no que lhe parece a divergência e, em muitos exemplos, um completo conflito entre desejos “corporais” (por comida, bebida e sexo) e os desejos da alma (por conhecimento e bondade), e entre dores e prazeres “corporais” (ligados aos desejos corporais acima) e as dores e prazeres da alma (ligados aos desejos da alma acima). Não há conflito na alma enquanto tal, porque a alma é uma substância simples; o conflito “interno” é, invariavelmente, entre corpo e alma. (1998, p. 342)

Há outro entendimento para o conceito de alma-corpo em Platão. O de que corpo e a alma pertencem a uma terceira entidade. Em várias obras de Platão como: Górgias, República, Timeu e Fedro. Platão, num primeiro momento, propõe que a alma é a sede do nosso eu real e o corpo o túmulo da alma. Num segundo momento, fala do corpo e da alma como pertencendo a uma terceira entidade, o nosso eu genuíno. (Robinson, 1998). E observando em conjunto o Timeu e o Fedro. Temos a alma como uma tripartição, sugerindo por fim que a alma é intermediária (Araújo; Caminha, 2014).

## 4.2 DUALISMO DE SUBSTÂNCIAS

Como vimos na filosofia clássica o termo ψυχή (psique) alma aparenta uma breve aproximação com o que a filosofia da mente, sobretudo a dualista, se propôs nos seus desdobramentos a posteriori. No entanto, não podemos afirmar se tratar da ‘consciência’ como entendemos hoje na contemporaneidade, isso porque o enfoque era outro, o vocabulário também era outro.

Na filosofia da mente o dualismo é a crença na existência de duas substâncias diferentes, a imaterial e a material ou mente e corpo sendo coisas distintas. Seu surgimento embora date dos primórdios da humanidade é no século XVII com René Descartes que o tema ganha notoriedade, devido ao modo de abordagem empregada, ou seja, contornos científicos.

A filosofia da mente dualista cartesiana, no sentido em que existem duas substâncias distintas e guardadas as devidas proporções, segue uma linha de raciocínio evolucionista que começa com Aristóteles nos clássicos, passando alguns filósofos como Tomás de Aquino e chegando a um conceito moderno apresentado por René Descartes, este já com um método científico ou melhor dizendo mais experimental.

A identificação de forma e substância é uma característica do sistema de Aristóteles que Tomás de Aquino efetivamente explora nesse contexto, identificando alma, intelecto e forma, e tratando-os como uma substância. (Ver, por exemplo, Aquino (1912), Parte I, questões 75 e 76.) (Robinson, 2020)

Como já sabemos as versões mais modernas do dualismo têm início nas *Meditações de Descartes*, (1641), que era um dualista de substâncias. Ou seja, acreditava em dois tipos de substâncias: a material, da qual a propriedade essencial é a extensão; e Mente da qual a propriedade essencial é o pensamento. Mas não só Descartes fora o único a pensar a respeito da consciência e sua relação com o corpo físico, temos grandes objeções a sua filosofia dualista, vejamos alguns a seguir.

Empiristas mais radicais acharam difícil atribuir o conceito de substância cartesiano. Filósofos como Locke aceitam a existência de substâncias imateriais e materiais. Berkeley rejeita a substância material, pois rejeita toda existência fora da mente. O “eu” concebido como algo além das ideias que conhecia, era essencial para uma compreensão adequada da pessoa humana. Hume rejeita o “eu”, (pensamento) proclamando que o ‘eu’ é uma concatenação de seus conteúdos efêmeros. Critica toda concepção de substância por falta de conteúdo empírico. Não se encontram nada além de propriedades adicionais nas chamadas substâncias. A Mente é nada além de um ‘pacote’ ou ‘pilha’ de impressões e ideias – isto é, de estados mentais ou eventos particulares, sem um dono. Essa posição de Hume ficou conhecida como ‘dualismo de pacotes’ ou “feixe de impressões”. O Dualismo de Pacotes transformou-se em uma teoria geral da substância, segundo a qual, os objetos em geral são apenas coleções organizadas de propriedades.

“Embora nem as ideias da memória nem as da imaginação, nem as ideias vívidas, nem as fracas possam surgir na mente antes que impressões correspondentes tenham vindo abrir-lhes o caminho, a imaginação não se restringe à mesma ordem e forma das impressões originais, ao passo que a memória está de certa maneira amarrada quanto a esse aspecto, sem nenhum poder de variação.” (Hume 2009 p. 33).

O problema está em explicar o que liga os elementos do pacote juntos, quando se fala em qualquer tipo de substâncias. Ou seja, é possível para substâncias físicas, mas para a mente não.

A concepção materialista afirma que apesar das aparências, estados mentais são físicos, já os idealistas por sua vez, afirmam que o mundo físico é uma idealização do mental, ou seja, estados físicos são o produto intersubjetivo de nossa experiência coletiva mental. E por fim, dualistas afirmam que tanto o físico quanto o mental são reais, não podendo um assimilar o outro.

Com o surgimento do ‘mecanicismo’ na ciência (sec. XVII) o dualismo recua. Para a ciência mecanicista, o mundo está fechado sob a física, segue leis da física. A mente consciente é um ‘epifenômeno’, um subproduto do sistema físico e não tem influência sobre este. Essa visão não explica como acontece a dor, sensações visuais ao ver algo por exemplo.

Neste sentido Descartes também era um mecanicista, no entanto, devemos explicar que em sua visão o corpo material era sim mecânico, mas controlado por uma mente

imaterial. Ou seja, o corpo segue seu curso determinístico normalmente a não ser que este possua uma mente para controlá-lo. Do contrário sem uma mente consciente somos animais irracionais. (Descartes 2001, *V parte*)

As discussões homem-maquina e a diferença entre o homem (que tem alma) e o animal (que não tem alma) oferecidos por Descartes, fizeram novas formas de pensar a relação corpo-mente, com isso surgiram diversas teorias ou variedades dualistas.

Metafisicamente ou ontologicamente falando enumeraremos três tipos de dualismo sendo: i) Dualismo de predicado, psicológicos ou mentalistas são essenciais para uma descrição (linguagem) completa do mundo; não são redutíveis a predicados fisicalistas, pois não há leis físicas que os relacionem; ii) Dualismo de Propriedade o qual diz existir uma substância física no mundo, mas dois tipos essencialmente diferentes de propriedade ocorrem mesmo quando no nível individual, a ontologia da física não é suficiente para constituir o que está ali e iii) O Dualismo de Substância, objeto central deste trabalho, caracterizado por duas substâncias, mas o dualismo de substância é mais do que as propriedades que possui. É a coisa que as possui. Assim, a Mente não é uma coleção de pensamentos, mas é aquilo que pensa uma substância imaterial além dos seus estados imateriais. Diferente de propriedades, que são propriedades de objetos. Também conhecido como ‘dualismo cartesiano’ que professa a existência imaterial do pensamento e o corpo.

Com relação à interação o dualismo foi e tem sido alvo de críticas e comentários, vejamos alguns: i) De acordo com o senso comum, ‘interação’ é a crença que mente e corpo (distintos) ou eventos mentais e eventos físicos influenciam um ao outro causalmente, inclusive o pensamento influenciando a fala. Ou seja, pensamentos e sentimentos são, pelo menos às vezes causados por eventos corporais, e pelo menos, às vezes dão origem a respostas corporais.

O grande problema, e já mencionado acima é como se dá a relação causal entre mente e corpo, propriedades mentais e corpo, dualismo, monismo ou qualquer teoria da mente que tente explicar como acontece essa relação. Não é diferente aqui. a) Falta algo comum para que possa haver interação, tendo em vista serem as propriedades mentais, estados ou substâncias, tipos radicalmente diferentes um do outro. Como uma causa, seja material ou imaterial pode afetar um ao outro? b) Outra objeção tem a ver com leis físicas, se o poder causal estava fluindo para dentro e para fora do sistema físico, a energia não seria conservada, sendo a conservação da energia uma lei científica fundamental. c) Ainda, existe a visão mecanicista de

que o mundo está ‘fechado sob a Física’, impossibilitando o interacionismo. Mas, neste caso, não se justifica se a sobre-determinação causal do comportamento é possível.

No Epifenomenalismo afirma-se que a mente é um epifenômeno de eventos físicos, não é causa, mas é causada pelo físico. (Robinson 2019) Neste caso surgem algumas indagações como explicar o evento físico do choro ao sentir dor, e o evento de correr ao se deparar com perigo, frutos da evolução.

No Paralelismo aceita-se ambos os domínios, mas nega-se toda interação causal entre eles. Como se dá tal harmonia? Para Leibniz, há uma harmonia preestabelecida por Deus. Malebranche achava impossível a naturalidade, acredita que Deus intervém especificamente em cada ocasião em que a intervenção fosse necessária. Para Berkeley é aconselhável permitir que Deus crie um mundo físico diretamente, dentro do próprio reino mental, como um construto a partir da experiência. (Robinson, 2020)

Na mesma esteira temos argumentos a favor do dualismo. Um deles é o ‘*Argumento do conhecimento*’. Sugere a existência subjetiva de uma experiência fenomenal pela mente consciente, como ‘o que é ouvir’, ou a natureza qualitativa ou fenomenal do som, a vermelhidão do vermelho. Um bom exercício para entendermos melhor é o descrito no verbete dualismo (2020) encontra na *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, neste um cientista surdo, mas especialista em audição, conhecedor de todos os mecanismos físicos sobre o assunto, passa por uma cirurgia e começa a ter a experiência, sensação, experimentação da audição. A partir desta nova experiência o cientista aprende algo novo que não sabia antes, os fatos sobre a natureza da experiência, ou a natureza dos qualias – não físicos, dessa forma o ele apreende não é físico. Portanto, aqui é no mínimo um dualismo de estado ou propriedades. (Robinson, 2020)

Pode-se admitir confluências entre as teorias. Por exemplo, um dualista de propriedades pode entender o dualismo de predicado como uma instância ou outra forma de propriedades, isso porque, os predicados mentais sugerem a existência de uma mente física, sendo os predicados uma perspectiva da mente, em última análise uma propriedade do físico. Também, o argumento modal com raiz em Descartes, *Meditação VI*, o dualismo entre mente e corpo pode ser considerado de propriedades, diz que para um discurso A e B, uma precisa implicar o outro a priori. Segue uma lógica argumentativa que vai da imaginação para a possibilidade. Mas, é possível a ‘imaginação a posteriore’? Ex: é possível que algo como a água exista sem ser H<sub>2</sub>O? É possível que algo como a consciência exista sem o corpo? Ex: de

argumento modal: a) É imaginável que a mente de uma pessoa exista sem o próprio corpo. b) É concebível que a mente de uma pessoa exista sem o próprio corpo. c) É possível que a mente de uma pessoa exista sem o corpo. d) A mente de uma pessoa é uma entidade diferente do corpo. Consequentemente, o dualismo de propriedade pode sugerir o dualismo de substância. O dualismo de propriedade em sua forma humeana é um exemplo. Para um substancialista, a teoria dos pacotes humeana é falsa, pois os modos psicológicos, impressões, são modos de pessoas, consequentemente pessoas podem ser concebidas como substâncias. Assim como o Argumento da Identidade Pessoal que levanta questões a respeito de sermos ou não as mesmas pessoas no decorrer de tempos. É saber se a identidade de alguém muda ou não com o passar dos tempos. O dualismo afirma que a identidade de alguém é outra coisa não física. Surgem questões de ordem contrafactuais, que não são reais, mas podem existir e questões de identidade diacrônica.

Para uma aplicação moderna do argumento aristotélico um órgão material não pode gerar pensamento humano. Pois paralelamente a matéria tem uma restrição ao que o intelecto produz. Gödel acredita que existem formas racionais de pensamentos matemáticos que humanos são capazes, mas não são exibidos por um sistema mecânico e Penrose (1990), argumentou que o problema da interrupção de Turing tem consequências semelhantes. Dessa forma, funcionaríamos como motores semânticos, que poderia se chegar ao dualismo de propriedades. (Robinson 2020)

Alguns problemas para o Dualismo são o Interacionismo visto acima, a estranheza do mental se concebido como não físico e a dificuldade de dar conta da unidade da mente. É de se estranhar algo como o ‘não físico’, tendo em vista o mundo físico ser observável em seu espaço temporal e causal entre si. O estado mental tem características e ou propriedades peculiares como a subjetividade, conhecida também por acesso privilegiado e intencionalidade, poderes causais sobre. Por isso surgiu o ‘problema das outras mentes’, mas não o problema da minha mente correspondente. Para Ryle, 1949 apud Robinson 2020), a mente é um ‘fantasma em uma máquina’. Uma visão percebida por uma mente ‘experimentadora, sugere o material como fruto da mente, mundo matematizado, abstrato. A Unidade da Mente. Como explicar como ele entende a noção de substância imaterial numa visão cartesiana e como explicar a natureza da relação entre os elementos do pacote que os une em uma coisa, na visão humeana? Pois como se constitui a mente, como um feixe de propriedades sem uma substância mental para uni-las? Como agrupar conteúdos mentais individuais?

Esses conteúdos mentais têm que ser capazes de existir sozinho. Uma possibilidade seria postular uma relação primitiva de co-consciência na qual os vários elementos se interligam. Teóricos de feixes tendem a conceber conteúdos fenomenais como os elementos primários em seu pacote. Dessa forma, pode-se unir os campos visual e auditivo com uma unidade de apercepção. Como uma experiência total apresentada a um único sujeito. Mas pode ser um problema em caso de alguém tentar acomodar outros tipos de atividade e conteúdos mentais. Dualismo de Unidade e Substância, o problema é explicar que tipo de coisa é uma substância imaterial, tal que sua presença explica a unidade da mente consciente? Seria um ectoplasma, uma visão de que uma substância imaterial é uma espécie de material? Como pode ser material e imaterial ao mesmo tempo? Seria o relato da consciência, visão de que a consciência é a substância, como na visão de Descartes. Mas nessa visão o sujeito inconsciente não existe, sugerindo quatro teorias possíveis. a) Somos conscientes quando não parecemos (Descartes); b) Que existimos intermitentemente, embora ainda seja a mesma coisa. (teoria de Swinburne, 1997); c) Cada um de nós consiste de uma série de substâncias modificadas em qualquer quebra de consciência, que empurra uma para uma abordagem construtivista da identidade através do tempo e assim em direção a teoria dos feixes. d) O self está em tal relação com a série temporal normal que sua própria existência continuada não é questionada por sua incapacidade de estar presente no tempo nos momentos em que não é consciente. Para Foster (1991) é um erro apresentar qualquer análise, argumenta que até mesmo o relato da 'consciência' é uma tentativa de explicar do que o eu imaterial é 'feito', que o assimila demais em direção a um tipo de substância física.

## CONCLUSÃO

O grande problema do dualismo de substância é como se dá a relação entre a substância material e a imaterial, vimos que Platão sugere no Fédon o Divino como a figura capaz disso, Descartes a glândula pineal.

Como se pode notar na teoria dualista de Descartes, a consciência é irreduzível, ou seja, ela é por si só, não possui extensão, forma ou matéria, embora ela seja para ele como o software que rege todo o hardware, a consciência, que determina, guia e organiza todo o corpo. Assim, o problema da consciência se agrava por considerar o corpo apenas como uma máquina e toda ela regida pela consciência. Isso implica dizer que, na teoria apresentada por Descartes a consciência (guardada as devidas proporções) é o próprio self (eu).

Por outro lado, como vimos, para Damásio a consciência é um processo emergente, que tem origem no próprio corpo, e que se pode dizer então que, mente, corpo e consciência são indissociáveis, ou seja, um não subsiste sem o outro, porém quando se trata dos conceitos estruturais e de suas funções estes parecem ser (sob o prisma dualista) distintos, ambos interagindo com o ambiente.

Dessa forma a diferença clara entre a teoria cartesiana e a teoria de Damásio reside no fato de que na primeira “alma” ou “espírito” são separados do corpo e na segunda estes elementos são estados que emergem de um organismo através da atividade cerebral em relação ao corpo e o ambiente.

Outra compreensão na tentativa de solucionar o problema mente-corpo e da consciência foi apresentada nesse trabalho a partir do entendimento de Searle, que aborda a questão do ponto de vista do naturalismo biológico, sustentando que os fenômenos mentais são causados por atividades físicas do cérebro.

Em contra partida Daniel Dennett apresenta uma teoria materialista entendendo que toda investigação sobre a consciência é investigar o funcionamento do próprio cérebro. Assim, a consciência não ocorre em um lugar específico no cérebro, isso significa dizer que não existe uma sede dentro do cérebro em que todos os processos neurais sejam reunidos para que, posteriormente a isso, surja a consciência e, respondendo a questão sobre como esse processo de fragmentação neural dá origem à consciência contínua como conhecemos, ele

afirma ocorrer no cérebro um fenômeno físico dando origem à consciência, resultado da matéria física, química e fisiológica.

Dessa forma, Dennett não apenas refuta a teoria dualista cartesiana, mas, também a teoria de Searle que sustenta haver no cérebro uma sede para que ocorra a consciência. Ante a essa exposição ele entende que:

[...] de acordo com o modelo de rascunhos múltiplos, todas as variações da percepção – de fato, todas as variações do pensamento ou atividade mental – são acompanhadas pelo cérebro em paralelo, ocorrendo em múltiplos processos de interpretação e elaboração de estímulos sensoriais (Dennett, 1991, p. 111).

Dentro dessa ótica, Dennett sustenta que a consciência é ao mesmo tempo um processo fisicalista quanto funcionalista por entender que o corpo humano é uma máquina biológica, que, cria a todo instante várias instâncias mentais que determinam o comportamento diante situações vivenciadas por cada indivíduo.

E por fim, se pode notar que o problema da consciência ainda é um campo espinhoso e caro à filosofia da mente. Desde o dualismo de substâncias cartesiano tem surgido várias questões no que se refere ao problema da consciência tais como outras formas de dualismo, o problema da identidade pessoal que, embora não tenham sido apresentados nesse trabalho constituem o arcabouço dos problemas mente-corpo.

Um destes problemas como foi abordado nesse trabalho é o problema da intencionalidade que está dentro do debate mente-corpo. Para Searle que o considera a intencionalidade como definidora do mental que é apoiada no que ele define como *background*, um pano de fundo constituído por vários estados mentais formados no cérebro.

Em suma, se pode afirmar que o conceito de consciência na visão dualista, contribuiu significativamente para o entendimento do problema mente-corpo. Isso porque foi com Descartes que se tomou a evidência do problema em questão, abrindo as portas para que outras áreas de conhecimento discutissem e, assim, pudesse contribuir com a filosofia da mente na investigação da consciência e o problema mente-corpo.

## REFERÊNCIAS

- ABBABNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ARAÚJO, Hugo Filgueiras de; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. **A natureza da alma como um intermediário**. Argumentos: Revista de Filosofia, Fortaleza, n. 12, p.97-103, 1 jul. 2014. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br>>. Acesso em: 25 ago. 2019.
- BATALI, John. **A redescoberta da mente**. Inteligência Artificial, 1 jan. 1995. Disponível em: [https://www.academia.edu/7269081/The\\_rediscovery\\_of\\_the\\_mind](https://www.academia.edu/7269081/The_rediscovery_of_the_mind).
- SCHOLTEN, H. (2016). **Psicologia de Franz Brentano, noventa años después**. *Revista de Psicología*, 25(2). doi:10.5354/0719-0581.2016.44730.
- BRENTANO Franz. *Psychologie vom empirischen Standpunkt*. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot. 1874, Erster Band, Buch II.
- \_\_\_\_\_. **Descriptive Psychology**. Tradução: Benito Müller. USA and Canada: Routledge, 1995. 225 p. (International library of philosophy). ISBN: 0-415-10811-X.
- DAMÁSIO, Antônio R. **E o Cérebro Criou o Homem**. Trad. Laura Teixeira Motta. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- DENNETT, Daniel C. **Consciousness explained**. Londres: Penguin Books, 1991.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Título original: Le discours de la méthode.
- HUME, David. **Tratado da natureza humana: Uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Tradução: Déborah Danowski. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009. Título original: A Treatise of Human Nature.
- HUSSERL, Edmund. **Ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas**. Segundo volume, parte I: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Tradução de Pedro M. S. Alves, Carlos Aurélio Morujão. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Investigações Lógicas** (Segundo Volume, parte II): Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento. Tradução de Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Meditações Cartesianas e Conferências de Paris: De acordo com o texto de Husserliana I**. Tradução: Pedro M. S. Alves. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. Título original: Cartesianische Meditationen und Pariser Vortrage.
- \_\_\_\_\_. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Tradução Maria Gorete Lopes e Souza. Porto: Rés, 2001.

JAYNES, Julian. **The origin of consciousness in the breakdown of the bicameral mind.**

Boston: Houghton Mifflin, 2003.

PLATÃO. **Diálogos: O Banquete - Fédon - Sofista - Político.** Tradução: Jorge Paleikat ; João Cruz Costa. 1 ed. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1972. 258 p

PIRES, Jesuino. **Franz Brentano e a distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos.** Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, V35, N1, P. 34-55, 2019, Guarapuava-PR, v. 35, p. 34-35, 2019. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/6167>

ROBINSON, Howard, "**Dualism**", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2020 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/dualism/>](https://plato.stanford.edu/archives/fall2020/entries/dualism/)

ROBINSON, Thomas M. As **características definidoras do dualismo alma-corpo nos escritos de Platão.** *Letras Clássicas*, São Paulo, n. 2, p.335-356, out. 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i2p335-356>. Acesso em: 3 jan. 2019.

ROBINSON, William, "**Epifenomenalismo**", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Summer 2019 Edition), Edward N. Zalta (ed.). Disponível em: URL = [<HTTPS://plato.stanford.edu/archives/sum2019/entries/epiphenomenalism/>](https://plato.stanford.edu/archives/sum2019/entries/epiphenomenalism/) .

SEARLE, John. **A Redescoberta da Mente.** Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **The Discovery of The Mind.** Londres: The MIT Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Intencionalidade.** Trad. Júlio Fischer; Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real I.** Trad. F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SIEWET, Charles. **Consciousness and Intentionality.** *The Stanford Encyclopedia of Philosophy.* Editora: Zalta, 2006. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/consciousness-intentionality/> Acesso em: 14 out. 2021.

VAN GULICK, Robert. **Consciousness.** In: STANFORD UNIVERSITY. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy.* [S.l.]: Stanford University, 2004. Disponível em: [HTTPS://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/consciousness](https://plato.stanford.edu/archives/spr2018/entries/consciousness). Acesso em: 18 set. 2019.

VAN GULICK, Robert. **Consciência.** *Investigação Filosófica*, Macapá, v. 2, p.1-75, dez. 2012. Anual. Tradutores: Marco Aurélio Alves e Marcelo Fischborn. Disponível em: [<https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/issue/view/160>](https://periodicos.unifap.br/index.php/investigacaofilosofica/issue/view/160). Acesso em: 18 set. 2019.